

Avaliação da intervenção socioeducativa sobre a violência na escola

JOANA CAMPOS

Escola Superior de Educação – IPL/CIES-IUL
jcampos@eselx.ipl.pt

JOÃO SEBASTIÃO

ISCTE-IUL/CIES-IUL
joao.sebastiao@iscte.pt

SARA MERLINI

CIES-IUL
merlini.sara@gmail.com

MAFALDA CHAMBINO

CIES-IUL
mafalda_sofia_chambino@iscte.pt

Resumo:

A investigação desenvolvida no âmbito do projeto *Estratégias de Intervenção socioeducativa em contextos sociais complexos*²³ enquadra-se na avaliação das políticas sociais e educativas, em particular no que diz respeito à segurança escolar em contextos marcados pela diversidade e complexidade social e cultural. O processo de avaliação centrou-se na análise das estratégias de intervenção socioeducativa relativas ao problema da violência na escola, desenvolvidas em três escolas de um concelho da Área Metropolitana de Lisboa.

Partindo do pressuposto que a violência na escola é um fenómeno multideterminado e multifacetado, a pesquisa centrou-se numa abordagem que enquadra as esferas de intervenção/ação das instituições formais e dos agentes sociais enquanto mecanismos que estruturam e regulam as concepções e práticas de violência na escola.

A recolha e sistematização de informação centrou-se, por um lado, nas estratégias de intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas localmente pelas escolas, e, por outro, nas perspetivas dos diferentes intervenientes, considerando-se os alunos, os

²³ Estudo prospetivo e de Avaliação – POAT n.º 00377402011

professores, as direções escolares e representantes das entidades e instituições locais. Metodologicamente, privilegiou-se o cruzamento de métodos de carácter extensivo e intensivo, combinando técnicas como a Observação Direta, a realização de Entrevistas, de Grupos Focais, de Questionários, e ainda, a Análise de Redes e a Análise Documental. Numa fase posterior, os diversos intervenientes participaram na discussão e análise dos resultados previamente recolhidos, e na validação conjunta de uma metodologia de intervenção que define um conjunto de estratégias gerais de combate às situações de violência na escola e nos territórios educativos. Esta metodologia é o principal produto do projeto e resulta de um processo de avaliação dinâmico e participado. A contribuição que se apresenta no *VI Encontro do CIED* ocupa-se dos procedimentos de avaliação desenvolvidos no âmbito deste projeto.

Palavras-chave: Violência na escola; Intervenção socioeducativa; Avaliação de políticas.

Abstract:

The research developed through the project *Estratégias de Intervenção socioeducativa em contextos sociais complexos*²⁴ concerns the assessment of social and educational policies, particularly in what regards safety in school contexts marked by social and cultural complexity and diversity. The assessment focused on the analysis of the social and educational intervention strategies of three schools of the Lisbon Metropolitan Area on the problem of school violence.

Assuming that school violence is a multidetermined and multifaceted phenomenon the research engaged an approach that includes the intervention/action of formal institutions and of social agents as mechanisms that structure and regulate conceptions and practices of school violence.

The gathering and systematization of information was centered on the intervention strategies developed locally by the schools, on one hand, and the perspectives of the different stakeholders, on the other hand, considering students, teachers, school directors and representatives from the local organizations and institutions.

The methodology intersected extensive and intensive methods, combining techniques such as Observation, Interviews, Focus Groups, Questionnaires, Social Network Analysis and Document Analysis. At the final stage, the various actors were involved on the discussion and analysis of the results, as well as the validation of an intervention strategy to deal with school violence. This strategy was the main result of the project

²⁵ Estudo prospetivo e de Avaliação – POAT 00377402011

and resulted from a dynamic assessment and participative procedures. The presentation at the *VI CIED Conference* focused on the procedures and key outputs of this research project.

Keywords: School Violence; Social and educational intervention; Policy assessment

Estratégias de Intervenção socioeducativa em contextos sociais complexos: breve apresentação do projeto

A investigação desenvolvida no âmbito do projeto *Estratégias de Intervenção socioeducativa em contextos sociais complexos*²⁵ inscreve-se na avaliação das políticas sociais e educativas, em particular no que diz respeito à segurança escolar em contextos marcados pela diversidade e complexidade social e cultural.

O processo de avaliação centrou-se na análise das estratégias de intervenção socioeducativa relativas ao problema da violência na escola, desenvolvidas em três escolas do concelho da Área Metropolitana de Lisboa. O projeto teve como finalidade geral avaliar como se concretiza a nível territorial a articulação entre o Programa Escola Segura e os programas centrados na inclusão e igualdade educativa e social. Definiram-se os seguintes objetivos: (1) avaliar a eficácia local das políticas de segurança escolar; (2) identificar as concepções e práticas de intervenção relativas à violência e as dinâmicas de articulação da intervenção das instituições e agentes sociais locais que concretizam as políticas no território; (3) identificar os elementos centrais de uma metodologia integrada de intervenção sobre a violência em contexto escolar, passível de disseminação e implementação em diferentes contextos e territórios.

²⁵ Estudo prospetivo e de Avaliação – POAT 00377402011

Quadro 1 – Dimensões de análise

Dimensões	Sub-dimensões
A violência como problema	<ul style="list-style-type: none">- Concepções dos professores e agentes sociais locais sobre a violência- Concepções e práticas de violência dos alunos considerando as suas relações a nível informal, familiar e institucional
A escola face à violência	<ul style="list-style-type: none">- Reação/resposta da escola face à violência, identificação das práticas de prevenção e intervenção
A aplicação de políticas pelas escolas e redes locais	<ul style="list-style-type: none">- Articulação da rede local na concretização de estratégias de intervenção em situações de violência- Eficácia das políticas de segurança local nestes territórios

Fonte: própria

A análise da violência como problema lida a partir das concepções dos agentes sociais locais e escolares, as respostas das escolas face ao problema da violência vivida no seu interior e exterior e ainda o modo como localmente as orientações políticas relativas ao problema são apropriadas e executadas, constituíram-se como as dimensões analíticas centrais do projeto.

O projeto fundou-se no pressuposto que a violência na escola é um fenómeno multideterminado e multifacetado, por isso a pesquisa apoiou-se numa abordagem que considerou as esferas de intervenção/ação das instituições formais e dos agentes sociais como mecanismos que estruturam e regulam as concepções e práticas de violência na escolar (Sebastião e outros, 2013). Entender a violência como uma possibilidade enfatiza a potencialidade de uma intervenção nos territórios educativos enquadrada teoricamente e fundamentada em procedimentos de diagnóstico robustos e com a participação e responsabilidade das instituições e dos agentes sociais em presença.

O uso de termos como *bullying*, violência, indisciplina, agressividade ou incivilidade, quando utilizados sem referência aos contextos teóricos em que foram produzidos, confunde o diagnóstico e a intervenção (Sebastião e outros, 2013). Para o trabalho em referência tivemos como ponto de partida o reconhecimento da diversidade conceptual e de algum fechamento disciplinar nas propostas analíticas desenvolvidas em torno deste fenómeno, que têm dificultado a construção de linhas de contacto entre as várias abordagens científicas, como discutimos em trabalhos anteriores (Sebastião, Alves & Campos, 2003; Sebastião, Alves & Campos, 2010). Nas análises mais recentes temos procurado ultrapassar essa “balcanização” disciplinar e optar pelo cruzamento de perspetivas (Sebastião e outros 2013). O reconhecimento da proximidade semântica e conceptualmente entre diferentes termos e conceitos tem sido assim rentabilizada no sentido de alargar o espectro de análise (Sebastião e outros, 2003). Na presente pesquisa e no sentido de contornar este efeito, adotou-se uma definição de violência anteriormente apresentada e discutida (Sebastião, 2009; 2013), que entende a violência como forma de ação num quadro de relações interpessoais: "um comportamento levado a cabo por uma pessoa (o agressor) com a intenção de magoar outra pessoa (a vítima) cuja qual o agressor acredita estar motivada para tentar evitar essa ofensa" (Anderson, 2000, p. 68). Consideramos nesta definição apenas as situações de violência interpessoal, deixando de lado as formas de violência institucional existentes na escola ou outras formas de violência social. Tal não significa adotar uma abordagem individualista, mas antes delimitar algumas das dimensões centrais do fenómeno no quadro da escola, centrando a análise nos processos relacionais que nela se produzem. A análise centra-se assim na relação entre a intencionalidade e tipos de agressão, que podem assumir formas físicas ou psicológicas, distinguindo-se desta forma de situações acidentais ou resultantes de consequências não esperadas.

Quadro 2 - Relação entre agressão e intencionalidade

		Tipo de Agressão	
		Física	Psicossocial
Intencionalidade	Reativa/ Afectiva	O principal motivo é magoar o alvo, reação emocional baseada em fúria, que ocorre tipicamente em resposta à provocação.	Comportamento que procura ferir outros ao prejudicar o seu estatuto social ou relações de amizade (agressão indireta ou relacional).
	Proactiva/ Instrumental	Ocorre na ausência de provocação deliberada, é desencadeada para obter algo em troca. O agressor tem a expectativa de que a agressão física tenha consequências positivas de carácter instrumental.	

(Sebastião, 2009: 41)

As situações de violência podem assim ser classificadas separando as que possuem características de tipo *reativo/afetivo*, em que a agressão constitui um objetivo em si mesma, das de tipo *proactivo /instrumental* em que a violência constitui um meio para alcançar um fim. No primeiro caso a finalidade é magoar o outro, e resulta de uma reação emocional a um impulso, a uma provocação ou atitude hostil, e esgota-se na agressão; no segundo caso a agressão é meramente instrumental para obter algo em troca, podendo não passar da ameaça se a vítima aceitar tacitamente as condições do agressor (Sebastião, 2009)

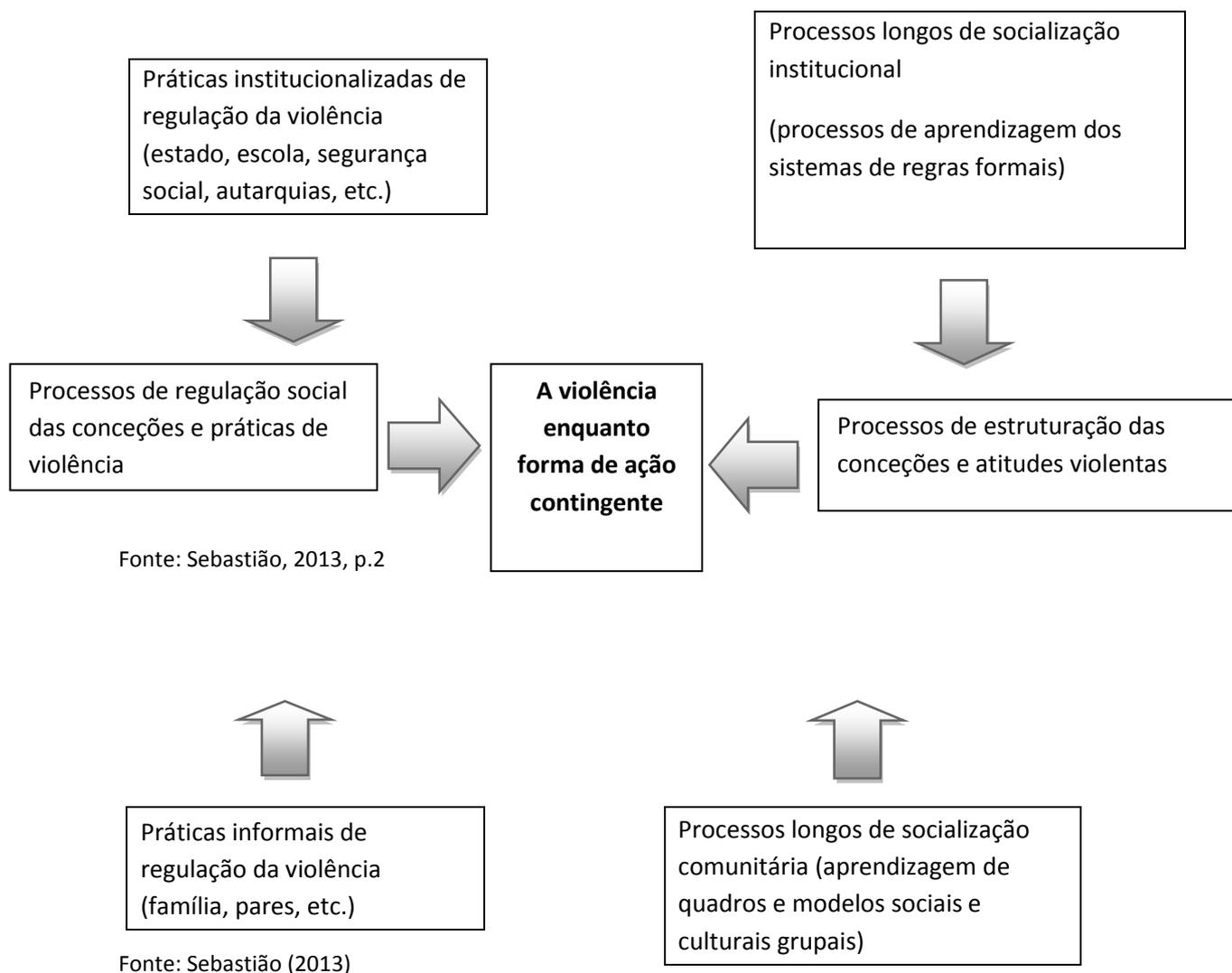
Sebastião partindo desta distinção prévia define a violência como "atos caracterizados pela agressão intencional, seja esta física ou psicossocial, podendo assumir formas reativas/afetivas ou proactivas/instrumentais" (Sebastião, 2013:27). Nesse sentido, a violência é uma configuração relacional particular marcada pela tensão confrontacional (Collins, 2008), interação que incorpora tendencialmente relações de poder assimétricas entre os atores (Sebastião, 2013). A limitação da capacidade de reação das vítimas às consequências da agressão, seja pelo uso da força física ou de mecanismos de pressão psicológica, coloca-as numa situação particular de desproteção, impedindo muitas vezes o acionamento dos sistemas de regras

institucionais. Assim, um agressor caracteriza-se por ser tipicamente um indivíduo que utiliza formas de poder (que são suportadas por agressividade física, verbal ou psicológica) com o objetivo de, simultaneamente, anular a capacidade reguladora do sistema de regras e de desencadear, ao nível relacional, um processo de dominação de um ou mais indivíduos. A vítima nesta perspetiva é tipicamente um indivíduo que não possui capacidade para resistir aos processos de dominação nem para ativar para sua proteção o sistema de regras sociais da escola (Sebastião, 2009, p. 46). Teoricamente o projeto sustentou-se no modelo teórico enquadrador da definição proposta (Sebastião, 2013). Investigar os processos de intervenção em situações de violência na escola implica adotar uma abordagem que enquadre as esferas de intervenção e ação das instituições formais e dos agentes sociais e os mecanismos que estruturam e regulam as conceções e práticas de violência. Trata-se de perspetivar a violência enquanto forma de ação contingente, que traduz uma configuração relacional particular com quadros de possibilidades diversos, em que diferentes tipos e graus de tensão podem levar (ou não) a situações de confronto (Sebastião e outros, 2013).

As conceções e atitudes violentas estruturam-se como resultado dos diversos processos de socialização de que os indivíduos são alvo; dos modos de regulação da violência e das características particulares dos contextos em que estas interações se desenvolvem. Nesse sentido, a violência pode acontecer ou não, dependendo por exemplo da existência ou da eficácia dos processos de regulação existentes na escola. A violência em meio escolar é portanto uma problemática que implica que se *olhe* de forma abrangente e cruzada para a escola. Foi com base nestes referenciais e nos elementos chave para a análise da violência na escola que se procurou aprofundar a análise em torno do fenómeno, não apenas neste projeto, mas em pesquisas anteriormente desenvolvidas pela equipa do Observatório de Segurança Escolar (OSE), ao longo dos últimos anos. Metodologicamente a adoção de uma estratégia metodológica abrangente e compreensiva que permita ler e intervir sobre um fenómeno com elevado nível de complexidade, multideterminado e multifacetado,

constitui-se como princípio organizador das pesquisas levadas a cabo pela equipa (cf. Sebastião, Campos, Merlini & Chambino, 2012, 2013a, 2013b, 2013c)²⁶.

Figura 1 - A violência enquanto forma de ação contingente



²⁶ A análise do percurso que tem sido desenvolvido pela equipa (Sebastião, Campos, Merlini e Cambino, 2013a, 2013b) foi apresentada e discutida recentemente no 9th International Conference ERNAPE - *Families, Schools and Communities: Learn from the past, review the present, prepare for a future with equity*, na Universidade de Lisboa de 4 a 6 de Setembro de 2013, concretamente com as seguintes comunicações: Sebastião, J., Campos, J., Merlini, S. & Chambino, M. (2013). "The School as a Complex Object: Methodological Strategies and Knowledge Production" e Sebastião, J., Campos, J., Merlini, S. & Chambino, M. (2013). "Social Network Analysis in School Violence Research - Methodological Implications".

Procedimentos metodológicos

A abordagem metodológica desenvolvida centrou-se numa análise integrada e sistemática das diversas estratégias de intervenção socioeducativa implementadas em contextos sociais complexos. A triangulação das técnicas de análise contribuiu para uma maior complementaridade e riqueza da informação recolhida, facilitando o processo de interpretação e compreensão das condições produtoras de violência e das esferas de intervenção (prevenção e regulação) acionadas (Sebastião, Alves & Campos, 2010; Sebastião, Campos, Merlini & Chambino, 2013b, 2013c). Visando contribuir para futuras estratégias e mecanismos de prevenção e intervenção a avaliação e estudo prospetivo realizou-se no concelho do país em que se verificou o maior número de ocorrências entre 2006 e 2010 (Sebastião, Alves & Campos, 2010). Neste concelho da Área Metropolitana de Lisboa foram selecionados três territórios distintos, representado cada um por uma escola de 2º e 3º ciclo do Ensino Básico, estando todas integradas no programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, com situações de violência escolar relevantes, isto é, entendidas pelos intervenientes nas escolas como perturbadoras do ambiente escolar e onde se identificaram capacidades de regulação e prevenção das situações de violência diferenciadas.

A recolha e sistematização de informação centrou-se nas estratégias de intervenção que têm vindo a ser desenvolvidas localmente pelas escolas, por um lado, e nas perspectivas dos diferentes intervenientes por outro, considerando-se os alunos, os professores, as direções escolares e representantes das entidades e instituições locais, que foram em publicações anteriores apresentadas com maior detalhe (Sebastião, Campos, Merlini & Chambino, 2012; Campos, Sebastião & Merlini 2012; Sebastião, Campos, Merlini & Chambino, 2013b, 2013c). Para aprofundar o conhecimento sobre o fenómeno da violência na escola a equipa do OSE recorreu a uma combinatória de métodos extensivos e qualitativos em três níveis de análise da difusão das situações de violência. A nível macro analítico realizou-se a recolha e análise de dados nacionais coletados através do formulário eletrónico *online* situado na rede informática do Ministério da Educação, através do qual as escolas registam obrigatoriamente as

ocorrências de violência. Um segundo nível de análise pautou-se pelo desenvolvimento de pesquisas que tomaram os territórios educativos (agrupamentos de escolas) ou escolas isoladas como unidades analíticas, centradas numa perspetiva organizacional, territorial e comparativa. A nível micro analítico centrou-se na observação participante e na inquirição de atores chave da comunidade educativa e local (como os diretores da escola, delegados de segurança²⁷, professores, alunos e agentes locais com intervenção nesta matéria). Quer a nível meso, quer ao nível micro analítico recorreu-se ainda a técnicas de recolha de informação por aplicação de inquéritos por questionário²⁸, entrevistas semiestruturadas, realização de grupos focais, análise de redes, análise documental e observação participante. O processo de recolha de informação durou cerca de um ano e meio, correspondente ao ano letivo 2011/12 e a parte de 2012/13. O tratamento e análise dos dados recolhidos pautou-se pela combinação de diferentes métodos e técnicas como a análise de redes sociais – com recurso ao *software* UCINET – análise de conteúdo – com recurso ao *software* MAXqda - análise documental e análise estatística – com recurso ao *software* SPSS.

Quadro 2 – Procedimentos metodológicos

Técnicas de recolha e análise	Objeto da investigação
Entrevistas	<ul style="list-style-type: none">- aos elementos das direções escolares (diretores e responsáveis pela segurança escolar)- aos alunos com comportamentos reincidentes, identificados com apoio das direções de escola e direções de turma
Questionários	<ul style="list-style-type: none">- aos alunos das 3 escolas sede dos agrupamentos de escolas dos 3 territórios educativos- aos professores das escolas sede- aos representantes das instituições locais

²⁷ Responsáveis pela gestão disciplinar da Escola, habitualmente são professores membros da direção, assumindo a função de participar as ocorrências ao Ministério da Educação, através do formulário eletrónico.

²⁸ A opção pela aplicação dos inquéritos numa plataforma *online* em *software* especializado – *limesurvey* – revelou-se vantajosa tanto ao nível da eficiência como da eficácia do processo de inquirição. Um exemplo demonstrativo disso mesmo foi o inquérito realizado a uma amostra de 792 alunos. Com a colaboração das escolas, foi possível colocar os alunos responder a partir de computadores com ligação à Internet, em sessões coletivas, contando para o efeito com o apoio presencial de membros da equipa de investigação. Além de evitar os habituais erros de inserção de dados, este processo agilizou o tempo de tratamento dos dados e consequentemente da sua análise.

Grupos Focais e reuniões	- com agentes sociais locais
Análise de redes sociais	- das parcerias entre instituições locais - dos relacionamentos pessoais de alunos com comportamentos recorrentes
Análise documental	- dos normativos centrais - dos documentos das instituições formais e/ou locais

Fonte: própria

Instituições e agentes locais integrados no projeto

A seleção do conjunto de entidades locais e instituições formais que configuram as redes de intervenção sobre situações de violência, em cada um dos territórios socioeducativos considerados na pesquisa, procurou enquadrar as respetivas dinâmicas dos contextos territoriais. Ao todo escolheram-se 23 entidades e instituições que se distribuem da seguinte forma pelo concelho e freguesias (Sebastião, Campos, Merlini & Chambino, 2013c).

Quadro 3 - Distribuição das instituições com intervenção nos territórios socioeducativos em estudo (seleção)

<i>Tipo/ Local</i>	<i>Concelho</i>	<i>Freguesia 1</i>	<i>Freguesia 2</i>	<i>Zona 1 (Freguesias 1 e 2)</i>	<i>Freguesia 3</i>	<i>Total</i>
Autárquica ou Oficial não judiciária	3	1	2	1	2	9
Associação, Projeto ou Programa Social	0	2	1	0	1	4
Educação e Formação	1	1	1	0	1	4
Policial ou Judicial	1	1	1	0	1	4
Saúde	0	0	0	1	1	2
Total	5	5	5	2	6	23

Fontes: Informações privilegiadas das escolas e análise dos documentos oficiais.

Para a distribuição das instituições definiu-se como critério a identificação da sua função e natureza. A *classificação* atribuída revelou-se de grande utilidade quer para a

análise do conjunto global de instituições, quer para a compreensão das relações estabelecidas entre estas. O peso de cada *tipo* institucional no total de inquiridos foi informado e ponderado face à realidade local e à importância destas entidades na regulação do fenómeno. Num total de 23 intervenientes incluídos na análise, cinco não responderam. Ainda que apenas 18 tivessem respondido, foi simultaneamente relevante constatar que as nomeações dos parceiros²⁹ se centraram sobretudo no conjunto total de entidades que estavam previamente selecionadas para o estudo, verificando-se ainda uma forte correspondência entre os respetivos objetivos de atuação e o tipo institucional atribuído na classificação (Sebastião, Campos, Merlini & Chambino, 2013c).

A correspondência entre os tipos institucionais (por nós categorizados) e os principais objetivos de atuação reportados pelos inquiridos permitiu a realização de uma análise das relações entre parceiros segundo a sua *afiliação* ou pertença organizacional, levantando questões pertinentes em termos das propriedades emergentes desta rede de parceiros.

Quadro 1 - Objetivos de atuação segundo o tipo institucional

Tipo de instituição	Objetivos de atuação
Autárquica ou Oficial não judicial	Proteção da infância, apoio e bem estar social
Associação, Projeto ou Programa Social	Inclusão social, cultural e educativa
Educação e Formação	Educativos e formativos
Policial ou Judicial	Prevenção e intervenção policial e judiciária
Saúde	Promoção de saúde

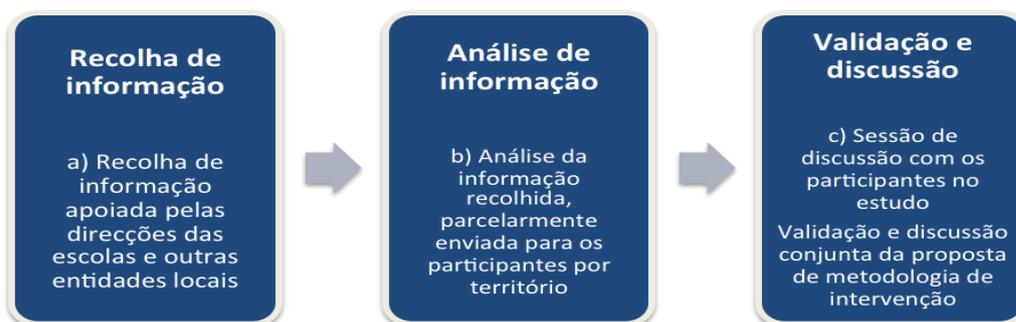
Fonte: Inquérito aos representantes institucionais

²⁹ A liberdade de nomeação, restringida até 10 parceiros possíveis, foi uma das opções metodológicas na construção do instrumento de inquirição para a análise de redes. Embora uma lista exaustiva dos parceiros permita suprir os problemas "típicos" de recurso à memória neste tipo de técnica, o facto de se tratar de relações estabelecidas entre instituições garantiu-nos alguma fiabilidade na obtenção dos dados. Resta salientar que cerca de 70% das instituições (N=18) escolheram até 6 parceiros o que, dada a problemática em análise, seria expectável.

Construção da Metodologia de Intervenção Integrada: etapas do processo de avaliação com os participantes dos territórios educativos

Tendo como foco principal um processo de avaliação participada, a intervenção pautou-se por um envolvimento sistemático dos sujeitos avaliados. Numa fase posterior à recolha e tratamento da informação, os diversos intervenientes participaram na discussão e análise dos primeiros resultados apresentados, validando conjuntamente as propostas conducentes à elaboração da metodologia de intervenção, enquanto principal resultado do processo, e com definição das estratégias gerais de combate às situações problemáticas em territórios educativos. Sobre as reações dos agentes sociais locais e escolares relativamente às propostas que sustentam a metodologia de intervenção e os resultados encontrados em cada território e para cada instituição recomendamos a consulta do relatório de pesquisa, em que se apresenta de modo detalhado essa informação. No presente texto apresentamos apenas as principais etapas do processo de avaliação em referência. O processo de avaliação participada desenvolveu-se através das seguintes etapas:

Figura 2 – Etapas do processo de avaliação participada



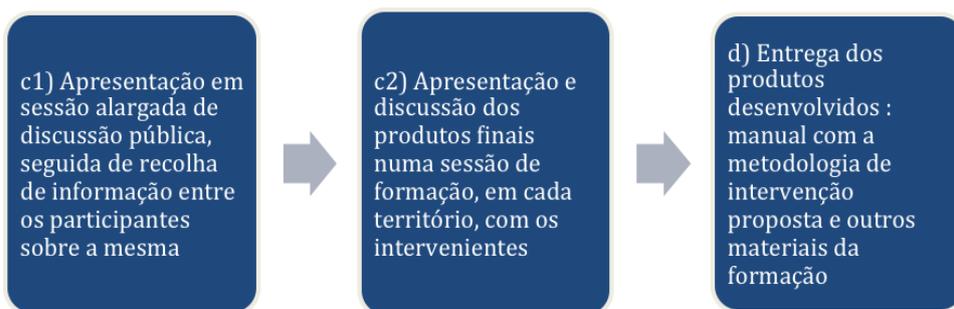
Fonte: própria

A validação e discussão conjunta dos resultados e da proposta de metodologia de intervenção foi realizada em duas fases. Primeiro, através da concretização de um

fórum de colaboração, numa sessão alargada de discussão pública, que possibilitou analisar criticamente os resultados e a metodologia de intervenção. Posteriormente, os resultados e produtos finais foram testados em sessões de formação com os intervenientes em cada território educativo considerado. Nesta fase da avaliação participada foram apresentados e discutidos: o modelo teórico; os resultados das entrevistas e questionários (identificação do problema, dificuldades e alternativas propostas pelos inquiridos); a análise em torno dos procedimentos e estratégias de intervenção identificados nos territórios; e a metodologia de intervenção construída. Os participantes no processo distinguiram-se quanto ao tipo de participação e posicionamentos face ao fenómeno em referência, tal como se discutiu e apresentou anteriormente (Sebastião, Campos, Merlini & Chambino, 2012, 2013b, 2013c). Em grande medida, as diferenças encontradas prendem-se sobretudo com a natureza e tipo de instituição a que pertencem. Sublinha-se aqui a importância do trabalho em continuidade nestes territórios, o que garantiu que nesta fase de intervenção existisse já um pano de fundo comum aos intervenientes, sustentado no reconhecimento interinstitucional e interpessoal, por um lado, e nos resultados já alcançados em matéria de regulação do problema da violência na escola, de há alguns anos, por outro. Aliás, esta constitui uma das condições para a integração destas escolas e instituições locais como promotoras do projeto em referência, logo na fase de candidatura ao programa (Sebastião, Campos, Merlini & Chambino, 2013a). O processo de avaliação participada resultou assim na definição de um conjunto de fatores-chave no âmbito de um processo de construção de uma metodologia de intervenção, bem como numa proposta de metodologia integrada de intervenção, como se pode ver na figura abaixo. Em cada território a informação recolhida e tratada pela equipa foi sendo disponibilizada para que no processo de apropriação da metodologia de intervenção em construção se assegurasse a adequação às especificidades de cada território e respetivas instituições. A devolução dessa informação às escolas permitiu ainda que, em cada território, os diversos intervenientes aprofundassem o seu conhecimento e reflexividade sobre o fenómeno e as respostas institucionais existentes. Por outro lado, a diversidade de conceções e

práticas desenvolvidas pôde assim ser discutida e analisada em cada uma das escolas e em comparação às outras nas discussões mais alargadas.

Figura 3 – Fases de validação e discussão e principais



Fonte: própria

Notas Finais

No âmbito da *Avaliação de políticas de educação e de intervenção sociocultural*, retomando a temática do painel, algumas notas finais. O processo de avaliação em análise procurou ilustrar a importância da articulação entre equipas mistas que combinem os processos de investigação, intervenção e avaliação; da definição conjunta do diagnóstico e dos planos de intervenção incluindo todos os intervenientes; da avaliação da intervenção participada e apoiada em espaços de discussão pública e validação das diversas etapas do processo; e da apresentação e discussão do processo, procedimentos e produtos noutros fóruns, como encontros científicos e pedagógicos.

De um ponto de vista mais substantivo sublinham-se os principais aspetos no que ao processo em referência diz respeito. Um primeiro, prende-se com o reconhecimento a priorização do problema da violência na escola enquanto um fator de sucesso central na regulação dos quotidianos escolares, isto é, na pacificação do ambiente escolar e da convivialidade entre todos os que na escola e nos territórios educativos se encontram. Por um lado, e como resultado do planeamento e da estruturação de estratégias explícitas e sistemáticas, por outro. Relativamente ao desenvolvimento de um

abordagem integrada e articulada de intervenção sobre a violência na escola o sublinhado sobre a necessidade de realização de um diagnóstico aprofundado e a definição de um plano comunitário, que integre os diversos parceiros e crie condições de resposta tanto para a primeira como para a segunda linha de atuação.

Do ponto de vista processual assinala-se a relevância que os fatores organizacionais assumem, nomeadamente no que à articulação entre níveis organizacionais, às relações interinstitucionais e à existência de procedimentos estruturados e rotinados de monitorização que orientem a prevenção e a intervenção, diz respeito. Por fim, uma nota sobre as modalidades de trabalho em parceria na medida em que constituem uma forma de ação coletiva que se revelou particularmente útil e produtiva nos mecanismos de prevenção e intervenção territoriais da violência na escola.

Referências

- Anderson, C. (2000). Agression. Em: Borgatta, E.F. e Montgomery, R.J. (eds.) *International Encyclopedia of Sociology*. vol. 1. New York: Macmillan. pg. 68-78.
- Ball, S. (1994). *Education reform: A critical and post-structural approach*. Buckingham: Open University Press.
- Brown, J. e Munn, P. (2008). 'School violence' as a social problem: charting the rise of the problem and the emerging specialist field. *International Studies in Sociology of Education*. 18(3-4): 219-230.
- Campos, J., Sebastião, J. e Merlini, S. (2012). “Violência, escola e territórios. Intervenção educativa em territórios urbanos complexos”, Gonçalves, Carolina & Tomás, Catarina (orgs.) Actas do V Encontro do CIED, *Escola e Comunidade*, CIED, 109-119, http://www.eselx.ipl.pt/cied/download/Atas_V_Encontro_Cied.pdf, ISBN: 978-989-95733-3-8
- Casella, R. (2002). Where policy meets the pavement: stages of public involvement in the prevention of school violence. *Qualitative Studies in Education*. 15(3): 349-372.
- Collins, R. (2008). *Violence. A Micro-Sociological Theory*. Princeton: Princeton University Press.

Conoley, J. e Goldstein, A. (Eds.) (2004). *School Violence Intervention: a practical handbook*. New York: The Guilford Press.

Conselho Europeu (2002). *Local partnerships for preventing and combating violence at school*. [IP2 (2002) 27 Final]. Disponível em:

<https://wcd.coe.int/ViewDoc.jsp?id=895611&Site=COE>

Guerra, Isabel C. (2006). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção – o planeamento em Ciências Sociais*, Cascais, Principia

Malen, B. e Knapp, M. (1997). Rethinking the multiple perspectives approach to education policy analysis: implications for policy-practice connections. *Journal of Education Policy*, 12 (5), 419-445.

Schieffer, Ulrich [et. all.], (2006). *MAPA – Manual de Planeamento e Avaliação de Projectos*, Cascais, Principia

Sebastião, J. (2013). Violência na escola, processos de socialização e formas de regulação. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 71:23-37. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n71/n71a02.pdf>

Sebastião, J., Campos, J. e Merlini, S. (2012). Processos de regulação da violência escolar: das políticas às práticas. *Atas do VII Congresso Português de Sociologia – Sociedade, Crise e Reconfigurações*, Lisboa: APS, 19-22/Junho de 2012. ISBN: 978-989-97981-0-6. Disponível em:

http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP1248_ed.pdf

Sebastião, J., Campos, J. e Merlini, S., Chambino, M. (2013a). Estratégias de intervenção socioeducativa em contextos sociais complexos, Relatório Final, POAT 00377402011. Disponível em <http://www.poatfse.qren.pt>

Sebastião, J., Campos, J. e Merlini, S., Chambino, M. (2013b). "Education policies, territories and actor strategies", *Italian Journal of Sociology of Education*, 5 (2): 110-132 ISSN 2035-4983

Sebastião, J., Campos, J. e Merlini, S., Chambino, M. (2013c). "Redes (des)conexas de intervenção local na violência infanto-juvenil", Dossier temático: Análise quantitativa e indicadores sociais. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, 18 (1): 183-205

Sebastião, J., Alves, M.G. e Campos, J. (2003). "A violência na escola: das políticas aos quotidianos", *Sociologia, Problemas e Práticas*. 41:37-62



Sebastião, J., Alves, M.G. e Campos, J. (2010). "Violência na Escola e Sociedade de Risco: uma aproximação ao caso português" em Sebastião, João (org.) *Violência na Escola. Tendências, contextos, olhares*, Chamusca: Cosmos,15-41

Visser, J. (2006). Keeping violence in perspective. *International Journal on Violence and School*. 1:57-64. Disponível em: <http://www.ijvs.org/3-6224-Article.php?id=15&tarticle=0>